

NOVIDADES DE PARIS

Não haverá ninguém por certo que não admira o engenho e a arte de um tal sistema e a bondade do coração humano, uma grande parte pelo menos dos homens fazendo-se matar de fome ou nos campos de batalha para mantê-lo intangível, pois ainda actualmente ele faz a felicidade de todos nós que habitamos o melhor dos mundos.

Sabe-se, não há mais dúvida possível, está matematicamente provado que só há um Deus verdadeiro, quer ele se chame Brâma, Jeová ou Emanuel; que preside aos destinos dos mortais; a sua vontade tem de ser respeitada, e os senhores artifices (operários) resignem-se e convençam-se que foram fabricados expressamente para trabalhar para o fazendeiro, para o soldado e para os reverendíssimos.

Consoltem-se com a sorte, está escrito.

ADRECAL

A SEGUNDA CONFERENCIA SOCIALISTA

Em fins de abril e princípios de maio, reuniram-se em Kienthal (Suíça) uns 50 delegados socialistas. Alguns alemães não puderam passar a fronteira e os ingleses não obtiveram passaporte.

Desta vez assistiram três deputados socialistas franceses, Brizon, Raffin-Dugens e Alexandre Blanc. No convénio, mostraram-se ainda imbuídos daquele patriotismo francês (a França é a pátria da Revolução, é a guia do mundo, etc.) que, como qualquer outra espécie de patriotismo, serve de instrumento ao Governo e leva à servidão militar e às trincheiras. Ainda assim, a imprensa cobriu-os de insultos e o Partido Unificado pseudo-Socialista declarou solenemente que não os tinha delegado. «Se cá tivessem vindo como delegados do P. S. U. francês, respnderam os socialistas suíços, teriam sido recebidos com vaias, do mesmo modo que os que se houvessem apresentado como delegados da social-democracia alemã».

Katzlerovitch, delegado sérvio, era uma das figuras mais interessantes. «Se a Sérvia está hoje arruinada, disse ele num discurso, grande parte da culpa pertence ao seu próprio governo». Em «Le Populaire», órgão dos socialistas antiguerrietas franceses, historia a opposição dos socialistas sérvios e lamenta a traição de algumas secções da Internacional Socialista, que persistem em contribuir para o prolongamento da guerra.

A representação mais importante, pelo número e valor de representantes e representados, era a italiana.

«Ce qu'il faut dire...» tem já mais duma dúzia de números e faz continuos progressos. Apesar do risco que há neste momento em ter o nome nas listas do único jornal anarquista francês, logo no fim do primeiro mês havia mil assinaturas, tendo-se vendido em média doze mil exemplares por número, quase só em Paris. O primeiro número de cada mês tem maior tiragem, chamando-se «número mensal de propaganda»: do de 3 de Junho esgotaram-se rapidamente 25.000 exemplares. O valente jornal, que tem agora novas instalações (69, Boulevard de Belleville, Paris), já começou a organizar a venda nas províncias.

É curioso notar que à frente deste movimento de defesa do anarquismo em França está Sebastião Faure, outrora tam acerbamente criticado pelo seu modo de intervir na questão Dreyfus. Um dos que mais se salientaram na critica foi João Grave, que, na presente conjuntura, tendo começado por um colaboracionismo moderado; acabou por... firmar a lamentável «Declaração dos Dezasseis», democrática e nacionalista, cujo fim visível não parece ser outro senão combater os anarquistas.

Entretanto, se o modo como Faure interveio no caso Dreyfus pode não parecer inteiramente ortodoxo, a maneira como os chamados intervencionistas favorecem agora a guerra, o militarismo e o Estado e tentam comprometer o anarquismo é uma coisa bem mais grave—sem calembur.

UMA DEFESA

Como prometí explicar os motivos da minha expulsão do sindicato, principio por vos dizer que desde que conheço o movimento associativo puz de parte a politica e, portanto, todos os politicos sem distincção, para enveredar pelo verdadeiro caminho da emancipação, o que tem dado motivo a varias discussões. Assim, um dia de manhã, quando entrava na officina, começo por ouvir falar nas vitórias de Kionga. E dizendo eu para um camarada que, da maneira como falavam, não queria crer nessas vitórias, vendo apenas n'isso um balão de ensaio para levar o povo ao matadouro, aproxima-se o Manuel Polónia que declara que eu devia ser preso como traidor à pátria... Objectei-lhe que, como operário, não tinha pátria, podendo, a este respeito, dizer tudo quanto quizesse, mas nunca accima de de traidor aos meus camaradas. O tal individuo fez-me então esta pergunta: «Quer você dizer que eu sou traidor?» Respondo: «Não queria dizer isso, mas já que me pergunta, digo-lhe que você e todos os politiquicos como você são traidores à organização operária». Melô aturdido fez-me uma especie de indinação

dade, ao que eu me prontifiquei da melhor vontade. A questão para a Associação e expô-la a seu bel-prazer numa reunião em que eu não me encontrava. A assembleia resolveu não discutir o assunto, mas convidar-me para comparecer na próxima reunião para então se tratar do caso. Alguns camaradas pedem-me para não ir lá, mas eu respondo-lhes que nunca fujo ás responsabilidades dos meus actos e das minhas palavras. A reunião effectua-se em 30 de abril, à qual compareci, tendo já principiado a sessão. Primeiro trata-se de varios assuntos e os camaradas, aborrecidos com a demora, vão saindo, ficando apenas uma claque. Vendo a ocasião propicia, o Manuel Polónia começa por dizer que eu lhe tinha chamado traidor à classe, querendo, por isso, que lho prove. Peço a palavra para lhe explicar os motivos que me levaram a chamar-lhe traidor, não à classe, mas sim à organização operária, principiando por dizer o que acima fica dito da discussão na fábrica. A claque, combinada, barafustea que eu sou politico (!), gritando «Fóral Fóral», impossibilitando-me por esta maneira nada alicosa, de me defender. Um camarada reclama para que me seja dada a liberdade de falar, sendo violentamente ameaçado por um dos do bando, que lhe vocifera que se diz mais alguma coisa lhe parte os dentes.

Agora pergunto, camaradas: Será isto forma de discutir? Parece-me que não. Como o Polónia me pedisse mais uma vez para lhe provar como era traidor, respondi-lhe que, visto a claque me coartar a liberdade de falar serenamente, estava impedido de o fazer, estando, porém, pronto a satisfazer-lhe a exigência numa discussão nos jornais. Nesta altura cal, tendo depois conhecimento de que tinha sido votada a minha expulsão. Devido a isto, entendi que não devia ficar assustado e escrevo a minha primeira carta, não tendo da parte delees resposta, apenas dizendo que na Associação era prohibido discutir politica. Sobre este ponto devo dizer que na Associação o que é prohibido é atacar-se a politica da cor. Como vceem, julgam com isto livrarem-se da responsabilidade da minha expulsão. Não é isto o bastante: é preciso que eu diga alguma coisa sobre os motivos que me levaram a chamar-lhes traidores. A já celebre claque, com Manuel Polónia, José Manuel Dias à frente, está preparada para desmortejar a organização operária. Assim, quando qualquer delegado duma colectividade operária vem aqui, os da claque, não tendo a minima coisa que lhes apontar e censurar, dizem, quase invariavelmente: «Eles falam assim porque ainda não lhes passou mel pelos beiços. Isto sem excepção de nenhum. Os jornais operários são coisa de pouca monta para eles, ao passo que os jornais politicos burgueses são defendidos e propagados as suas ideias guerreiras e politicas. Quando a União O. Nacional encetou o movimento que queria levar a effeito contra a carestia da vida, mandou uma circular a todas as associações. Pois essa circular foi cá rebatida, chegando o Palot a afirmar que podia resultar uma guerra civil. Este senhor tinha medo duma guerra civil para reivindicar o barateamento dos generos, mas não teve recelo de uma guerra civil quando, por

ocasião do 15 de maio, ele e a claque se armaram até aos dentes e saíram para a rua. Quando do encerramento da União Operária, Federação da Construção Civil e Federação Metalurgica, eu fiz ver a grande patifaria e a grande afronta à classe trabalhadora. Não podendo os illustres personagens defender os tiranos, disseram que se o sr. Afonso fez aquilo é porque lá tinha muita razão para o fazer. Para estes individuos não há movimentos operários justos. Só os que os politicos fazem é que são justissimos, contanto que sejam da grei.

Julgo ter sufficientemente elucidado os camaradas sobre a minha expulsão. E pode a claque vir defender-se porque eu ainda cá estou. Não respondendo, passe muito bem, que eu continuo sendo o mesmo.

Amora, 27 de Junho de 1916.

Vosso e da Causa,
Manuel da Costa.

COISAS HISTORICAS

3-1758—A Companhia de Jesus, vendo-se impotente para reagir contra o marquês de Pombal, arma o braço de varios sicarios para darem cabo de D. José I.

4-1891—Sat, em Paris, o primeiro numero dum semanario anarquista com o titulo «O Porcado».

5-1833—Morre José Niepce, um dos inventores da fotografia.

6-1415—Os padres do Concilio de Constancia condemnam João Huss a ser queimado vivo.

7-1867—Pela ultima vez é applicada, em Portugal, a pena de morte aos civis.

8-1911—Com o titulo «A Vida Livre», inicia a sua publicação, em Habana (Ilha de Cuba), um quinzenario anarquista.

9-1873—Revolução comunista em Alcoy (Espanha). Principiou por uma greve geral de todas as classes trabalhadoras.

Errata—No numero tractado onde está: 1-893lela: ee 1-1893.

PROPAGANDA LIBERTARIA.—Reune hoje, ás 20 horas, no local do costume, e espera-se que ninguém falte.

VVV

VVV

RIDENDO...

Há p'rá muitos valentes,
Ex-guerrietas acanhados,
Que andam mesmo escagados,
Com «felido» batendo os dentes,
Por temerem que o seu «couro»
Vá parar ao «matadouro»,
Onde estão os combatentes.

Esses tais patrioteiros
Sairam nos bons gajotios;
Pois que em berrantes vivrios
Gritavam ser os primeiros
A formar cem batalhões
P'ra dar caça aos «alimões»
E fazer deles pandeiros...

Mas eu julgo malaqueira
Andarem com tanto medo,
E até lhes digo em segredo
Que fazem enorme asneira
Em horror à guerra ter:
Assim darão que fazer
Noite e dia a lavadeira...

AMILCO.